

PRÁTICA ESCRITA CRIATIVA E FICCIONAL: O OLHAR ARTÍSTICO PARA O FAMILIAR

Igor Gadioli¹

Abordo, neste estudo, dados de uma pesquisa qualitativa de base etnográfica que realizei com três jovens graduandas da Universidade Federal de Sergipe, com idades entre 21 e 22 anos. Apresento suas narrativizações do cotidiano através de crônicas que elas produziram em um curso de extensão voltado para a prática escrita criativa e ficcional; apresento, ainda, entrevistas com essas estudantes a fim de investigar como a contemplação de suas rotinas por meio de recursos estéticos e ficcionais na escrita ressignifica seus olhares e práticas de linguagem em seus cotidianos. A performatividade (PENNYCOOK, 2004) da prática escrita criativa as ajuda a construir identidades mais empoderadas, na medida em que as produções com aspirações artísticas as fazem repensar seus olhares para o cotidiano e, por conseguinte, suas práticas, também. Ao serem confrontadas com a tarefa de narrativizar seu cotidiano com maior atenção para aspectos estéticos, essas alunas passam a desempenhar suas práticas profissionais de maneiras alternativas, mais empoderadas e mais culturalmente sensíveis. A prática da escrita criativa as ajuda, assim, a reinventar diversas práticas de linguagem e suas próprias possibilidades de futuro.

1. A TEORIA, O TEMA E O PROBLEMA

Apresento, neste artigo, uma pesquisa qualitativa de base etnográfica que realizei com três graduandas com idades entre 21 e 22 anos. Essas jovens integraram um curso de extensão em escrita criativa e ficcional que ofertei na Universidade Federal de Sergipe, campus Aracaju; esse curso teve foco na produção de crônicas semanais, e as temáticas suscitadas em nossas aulas permeavam as realidades locais e o cotidiano dos alunos.

Por meio desse exercício contínuo de escrita, convidei-as a cultivar um olhar mais detido para seus eventos rotineiros para que buscassem nas suas experiências diárias a matéria prima para narrativizações de caráter artístico. Neste estudo, enfoco como o olhar para o cotidiano em busca do belo faz essas alunas reinterpretarem suas realidades e reeditarem suas práticas e identidades a partir e através da prática escrita de aspirações artísticas.

¹ – Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina e professor Assistente I de Língua Inglesa e Língua Portuguesa na Universidade Federal de Sergipe/DSE)

Nas discussões acerca da estética do texto durante o curso, abordamos o conceito de “belo” e “poético” como uma manifestação singular e densa de significado. Tal manifestação pode despertar o deleite estético no leitor; enquanto processo de observação, tratamos da necessidade de um olhar detido para a contemplação dos cenários ao nosso redor para além de nossas perspectivas e pressupostos (SCHOPENHAUER, 2003). Tal busca por um olhar artístico dos eventos cotidianos e familiares parece se aproximar do exercício do olhar etnográfico, o qual pretende tornar o familiar estranho como maneira de desconstruir visões naturalizadas de um dado contexto:

Etnógrafos continuam a ser atraídos para lugares estranhos com a intenção de fazê-los familiares. Eles também vêm sendo crescentemente atraídos para lugares familiares com a intenção sutilmente irônica de fazê-los estranhos. [...] Esses são todos estudos importantes, pois apesar de ocorrerem dentro de realidades já conhecidas, esvaziam estereótipos e nos ajudam a ver o mundo de uma nova forma.² (VAN MAANEN, 1988, p.125)

Essa perspectiva para com o cenário social, seja ela entendida como etnográfica ou artística, permite olhares alternativos e possibilita o desvelar de propósitos ideológicos para as práticas sociais, para além de propósitos utilitários comumente introjetados em contextos nos quais se envolve de maneira desempoderada.

No contexto do curso de escrita criativa, entretanto, observar não seria suficiente: é através da prática escrita associada a essa observação, ou talvez fruto dela, que é possível cultivar e (re)inventar identidades. Essa prática de linguagem que constrói a própria identidade é conhecida por performatividade (PENNYCOOK, 2004). A este respeito, apresentei a seguinte perspectiva nessa temática:

Ao que me parece, a escrita é uma janela para revelar quem somos, mas também uma ferramenta para nos tornarmos alguém novo. Ao escrevermos teses, listas ou cartas de amor, praticamos e inventamos quem somos cerebral e apaixonadamente, mas também severa e

² No original: “Ethnographers continue to be drawn to strange places with the intention of making them familiar. Fieldworkers are also being drawn increasingly to familiar places with the slightly ironic intention of making them strange. [...] These are all important and close-to-home studies that deflate stereotypes and help us see the world with fresh vision”.

meticulosamente; já o burocrata entendido, por exemplo, escreve seu próprio tédio – tem tédio escrito na testa – e nada de sua atitude repetitiva nos relatórios pode mudar isso. O gênio do/a poeta se mostra à medida que ele/a traduz sua percepção visionária em palavras, e por vezes só assim efetivamente entende o que pensava. E assim também se faz quem é, para si e para seu público. (GADIOLI, 2016, p.1)

A partir da seção a seguir, apresento e discuto alguns elementos do processo pesquisa qualitativa para desenvolver essa pesquisa de caráter etnográfico, tal como minha relação com as participantes de pesquisa e minha entrada em campo.

2. A ETNOGRAFIA: O PROFESSOR-PESQUISADOR E AS ALUNAS-AUTORAS

Sou formado em Letras Inglês, com mestrado em Linguística Aplicada pela UFSC; nascido em João Pessoa, leciono atualmente na Universidade Federal de Sergipe (Campus Aracaju), tenho 30 anos e atuo há quase 13 como professor de Inglês e Português. Em vista da minha afinidade com a Literatura e meu hábito de produzir informalmente textos com aspirações artísticas³, resolvi, em 2014, começar a adentrar esse campo também na área de ensino-aprendizagem. Entretanto, não optei pela rota mais frequente de estudos acerca de produções literárias; ao invés disso, propus um curso de extensão de escrita criativa e ficcional na UFS, para que alunos com qualquer conhecimento prévio sobre o tema pudessem ter a chance de exercitar o belo na escrita sem limitações de currículos pré-concebidos. Esse curso durou dois meses e contou com a participação de cerca de 15 alunos.

Promovi, entre fevereiro e abril de 2016, um novo curso sob a mesma temática; essa segunda edição se mostrou mais bem estruturada do que a primeira, pois foi com a experiência anterior me dei conta daquilo que poderia explorar nessas aulas. A proposta foi de uma oficina de escrita criativa aliada a debates de aspectos técnicos e implicações ideológicas dessa prática artística; para tanto, fiz uso primariamente do gênero textual

³ Vide <https://www.facebook.com/paragrafar> para acesso a um pouco daquilo que costumo publicar.

"crônica". Através da abordagem e prática do conceito do belo na escrita criativa e de elementos como "tema", "enredo" e "diálogo", os participantes exercitaram a escrita criativa, fosse ela ficcional ou não.

Os encontros do curso ocorriam na UFS às quintas à noite, com duração de 1h30min cada, e cheguei a contar com mais 50 alunos de cursos diversos - a maioria distribuída entre Jornalismo, Letras e Secretariado Executivo, com alguns outros de Artes Cênicas, por exemplo; ao fim de abril, o grupo era de cerca de 30 alunos. A faixa etária girava em torno de 21 anos, e a carga horária foi utilizada como Atividades Curriculares, as quais ajudam os alunos a totalizar as horas de seus cursos de graduação.

Minha perspectiva metodológica neste estudo foi de uma abordagem de base etnográfica, de forma a levar meus participantes a expressarem suas próprias visões, necessidades e expectativas a respeito das práticas investigadas. Além disso, tal metodologia implica em uma imersão no contexto de pesquisa e na construção de um bom *rappor*t para com seus participantes. Ao longo de pouco tempo de abordagens para pesquisa de maneira efetiva, mas muito tempo de contato e conversas informais com o grupo, uso de entrevistas semi-estruturadas e conversas informais e gravadas após aulas e até via aplicativos do celular com as alunas participantes, bem como através de diálogos em comentários de seus textos, os quais eram editados e enviados *online*. Esperei por mais de um mês de aula para que eu abordasse a temática da pesquisa, e a essa altura creio que já havia conquistado a confiança deles de uma forma tal que a adesão à pesquisa foi massiva. Visto que não tenho espaço para tratar de todos os dados com todos os alunos, então me limitarei aqui a três participantes com discursos e práticas bem emblemáticos do que desenvolvemos.

Durante os encontros e os processos de escrita, ainda que terminássemos por produzir narrativas ficcionais, sempre parti das experiências diárias dos meus alunos: suas rotinas, e dentro delas, seus anseios, necessidades e expectativas. Também propus a leitura de trechos de obras e revisões das produções da turma entre os próprios alunos como entre os alunos e eu. Costumava dizer-lhes em sala que o importante não é relatar algo que ocorreu de verdade: é até desejável distorcer os fatos da rotina em si caso isso

realce a verdade do autor narrativa adentro (STEELE, 2003); detalhar e enfatizar uma perspectiva sensível de um evento significa, assim, potencializar o belo na produção escrita e também revelar o belo do evento cotidiano.

Por meio de leituras, debates e produções escritas frequentes, os alunos do curso interagem de forma bastante empenhada e espontânea, com produções de crônicas quase semanais. A própria produção escrita desses alunos, curiosamente, pode eventualmente ser usada para caso ela adentre deles já se apresenta como uma produção de caráter etnográfico.

Neste estudo, trato das experiências de três alunas em particular: Luísa, Tallita e Milena. Luísa tinha 21 anos e cursava o sexto período de Jornalismo na graduação da UFS à época da pesquisa. Nascida em Aracaju, ela sempre gostou de escrever, com predileção por histórias fictícias. Costumava ler livros policiais e de literatura fantástica; inscreveu-se no curso porque achou interessante o incentivo à escrita e porque achou essa uma oportunidade atípica dentro da universidade; de fato, eu mesmo nunca encontrei oferta semelhante a esse curso em toda a UFS.

Luísa passou os primeiros encontros do curso muito calada em sala, tendo se pronunciado em debates apenas quando solicitada; em entrevista, ela se descreveu como introspectiva e "fechada", com "muitos conhecidos, que querem bem, mas poucos amigos" (ENTREVISTA, 07/04/2016). Conversando um pouco mais, descobri que cresceu numa família protestante de regras bastante severas, tendo sido ensinada a nunca discordar de seus pais. Gosta de frequentar a igreja, mas já não se vê como evangélica; ser forçada a participar de cultos até hoje, já com 21 anos, e não poder dizer "não" à sua mãe, tem grande parte nisso.

Algo que logo percebi foi sua atenção ininterrupta às aulas, de olhar atento a tudo o que era apresentado ou proposto. Sempre tive a impressão de que ela estava bastante interessada no que fazíamos. Ocorria, por exemplo, de eu chegar em sala 5 ou 10 minutos antes do horário de início da aula e já encontrar Luísa em sua costumeira carteira, mesmo que ainda só na sala de aula, mais ou menos no centro da sala e sem distratores como livros ou celular. Parecia concentrada no evento da aula desde antes de seu início.

Já Tallita era uma aluna do 8º período de Secretariado Executivo, e, diferentemente de Luísa, já havia sido minha aluna em outras disciplinas de Línguas, desde minha entrada na UFS, três anos antes. Ela é natural de Estância (SE), tem 21 anos e foi sempre muito dócil e delicada, além de dedicada e muito disposta a participar, comprometida que é com a própria aprendizagem. Escrevia com aspirações artísticas muito raramente, passando a fazê-lo com frequência durante o curso. Resolveu fazer o curso porque considerava que tinha uma forma de escrita muito “engessada”, muito padronizada e “pouco livre”, em suas palavras.

A terceira participante chama-se Milena: ela é natural de Guarujá-SP, mas já morava em Aracaju há 15 anos; tinha 22 anos de idade e estava no 6º período de Jornalismo. Gosta muito de grandes clássicos da literatura brasileira, tal como os de Jorge Amado. Escreve quando está trabalhando – é um exercício diário de seu ofício – ou quando não quer tratar de algum assunto com alguma pessoa, por exemplo. Apesar disso, nunca o fez com aspirações artísticas até o início de nosso curso, mas com nossa prática, passou a escrever assim sempre que algo lhe parece “interessante ou relevante”, segundo ela mesma. É editora-chefe de um jornal da UFS produzido pelos graduandos de Jornalismo, e trocou seu status do *Whatsapp* para um lema famoso da escrita ficcional, o qual compartilhei com todos no início do curso: “show, don't tell”. Ao ver aquilo, comecei a pensar que o olhar artístico realmente começara a entrar em seu olhar e sua rotina.

A seguir, aponto o que os dados da pesquisa demonstraram a respeito da prática de observação e de escrita criativa dessas alunas ao longo dos meses de aula.

3. RESULTADOS

Ao se atentarem para a observação do particular em rotinas supostamente óbvias e previsíveis, essas alunas exercitam um olhar mais sensível para suas práticas. Isso se demonstra em nossas entrevistas, mas também em suas crônicas produzidas durante o curso. Esses relatos tornam transparentes aspectos reificados de suas realidades e assim permitem acesso a uma perspectiva êmica da sua experiência social. A análise do singular no cotidiano em nome de uma narrativização artística tanto demanda como possibilita a

elas um engajamento com o local e o contingente. Esses eventos sociais vão assim deixando de ser invisibilizados, banalizados e/ou naturalizados.

À medida que observam o familiar como “estranho”, procurando o particular do que ocorre ao seu redor, elas escrevem com aspirações artísticas sobre o que passam a perceber; essas alunas começam também a reconstruir suas próprias identidades, pois a observação e a prática escrita ressignifica os eventos porque os põe sob uma nova ótica, e essa perspectiva nova as empodera, possibilitando práticas alternativas tanto na folha de papel (escrita artística) como nos eventos que motivam a produção textual (ação mais engajada e crítica com o fazer social). Esse engendramento de discursos alternativos expande sua ação no ambiente de trabalho e também suas possibilidades de futuro.

Assim, a expressão artística dessas estudantes abre espaço para uma prática escrita alternativa no meio profissional delas. Com uma nova percepção da produção textual, o uso que elas fazem dos gêneros textuais passa a atender melhor seus propósitos ideológicos, em contraste com propósitos meramente utilitários que se apresentam diante de jovens graduandos que precisam se habilitar na produção de gêneros textuais específicos de seus ofícios. Isso permite que elas também ressignifiquem essas práticas textuais que atendem a demandas do mercado de suas áreas mas que, previamente, não atendiam a necessidades performativas dessas jovens em início de carreira.

4. DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Ao longo de nossa entrevista, Tallita revelou que a observação de seu cotidiano para a escrita artística, por meio das crônicas solicitadas semanalmente, transbordou o propósito inicial de produção textual criativa e passou a influenciar suas perspectivas e práticas sociais além-texto. Quanto ao seu olhar para a rotina, ela afirma o seguinte: “começo a achar que é importante perceber mais as coisas, tipo não passar tudo batido. [...] Tipo, uma árvore lá no meu condomínio não é mais só uma árvore. Ela tem uma cor, um vermelho bonito que deixa meu condomínio mais bonito” (ENTREVISTA, 11/03/2016). Essa percepção inicial é reiterada por Milena na própria crônica que produziu após uma semana de curso; eis aqui a passagem que trata disso:

Quando comecei a observar melhor o mundo à minha volta, vi coisas banais que sabia da existência, mas talvez não tivesse reparado de verdade. [...] Vejo como a cidade é mais bonita e mais fresca durante a noite. Como faz calor às 14h. Ainda no caminho, volto a ver/notar coisas banais que nos passam despercebidas na correria diária. E faz três anos que eu faço esse trajeto todos os dias. Pensando nisso, já mudamos bastante. Eu e o caminho. [...] Mas nada tão belo como a árvore que descobri pelo caminho. Árvore quase desenhada numa forma poética e com uma tonalidade especial como se tivesse sido colocada ali para colorir o meu caminho. E mesmo fazendo o mesmo percurso há três anos, só agora percebo sua existência e beleza. Lembrou-me aqueles quadros de pintores famosos. E ela o é. (MILENA, CRÔNICA, 11/02/2016)

O olhar para cenários rotineiros e invisíveis/invisibilizados em busca de uma ressignificação do familiar em busca da expressão do belo aparece tanto na entrevista com Tallita como na própria produção artística de Milena. Além desse olhar diferente para o dia-a-dia, a dinâmica da prática escrita criativa, por não ter fórmulas pré-concebidas, possibilita uma nova perspectiva até mesmo sobre normas e práticas de gêneros textuais no ambiente de trabalho dessas alunas. Como estagiária de Secretariado Executivo, Tallita trabalha com muitos gêneros textuais formulaicos:

Normalmente, quando eu aprendi sobre essas coisas de produzir e escrever, **normalmente você passa por uma série de regrinhas**. Talvez seja por essa questão daquilo que eu escrevo. **São documentos oficiais, tipo, não é pra mim**, é pra outra pessoa assinar que vai pra outra pessoa [...] ou então aqueles textos [formulaicos] de quando a gente faz pro vestibular. Tipo, e isso ficou em mim. Então qualquer produção que eu fosse fazer seria partindo dessas regras, que foi o que eu aprendi. E aí, **com o curso, a gente aprende a destravar algumas coisas, tipo, tem a parte criativa**. [...] Normalmente, em todo estágio que eu já passei, tem aquela regrinha né, tipo, o formato é assim, e você vai seguindo... Eu já sinto que eu posso tipo, mudar. Tipo, tá assim, mas fica melhor desse [outro] jeito, então eu vou lá eu mudo e eu vejo que dá certo. **Agora eu me sinto mais segura para modificar** algumas coisas. [...] **antes eu pensava, “esse é o jeito que algum servidor já fez, então é o certo, é isso que eu tenho que fazer, eu vou repetir isso aí”**. Mas depois comecei a pensar, **“eu posso também contribuir”**. (ENTREVISTA, 11/03/2016)

O empoderamento de Tallita através da escrita criativa sobre sua rotina a faz perceber textos outrora meramente utilitários, sem relação com sua identidade, como instrumentos legítimos de engajamento e aperfeiçoamento de sua prática profissional no seu estágio de secretária. Observemos que a fórmula pré-concebida dos textos que usa já não atende à sua performatividade no desempenho de sua função. Essa reinvenção da prática letrada no contexto profissional (e da sua própria identidade profissional) ocorre nos gêneros jornalísticos também, na experiência de Milena:

O processo da escrita criativa alterou todos os meus textos, principalmente os jornalísticos. Sempre que o formato permite, aplico o que o curso chamou minha atenção. Estou produzindo uma reportagem e depois do curso estou mais sensível na produção. Além das características do fato, também escrevo sobre as características das pessoas, do lugar. [...] Além do fato puramente como ele é, agora eu percebo também o clima do ambiente, as pessoas e consigo passar essa sensibilidade para o meu texto. Posso dizer que meus relatos estão mais humanos e sensíveis. (ENTREVISTA, 10/03/2016)

A referência que Milena faz a “humanos e sensíveis”, interpreto como uma visão mais êmica do fato jornalístico, o qual é suscitado pela observação do belo e do particular em seu cotidiano, tal qual ocorrera com a árvore em seu caminho. Retornando à Tallita, à certa altura da entrevista, Tallita indicou como essa análise mais detida da realidade e esse consequente empoderamento na prática escrita passa a abranger não só gêneros textuais do ambiente de trabalho, bem como a escrita como um todo, invadindo a oralidade:

Eu notei que eu mudei na forma de como eu falo com outras pessoas. Tipo, sabe aquela coisa que dizem, ah, “aquele sorriso na voz”, quando tá falando ao telefone, por exemplo? Eu comecei a pensar assim, “eu posso atender melhor a pessoa, pelo telefone”. **Uma coisa, assim, eu atendia a necessidade**, a pessoa perguntar uma coisa e eu informar aquilo, **mas eu posso achar uma forma gentil de fazer**, que a pessoa se sinta bem recebida, assim. Isso, eu notei como tava antes e eu me esforcei para conseguir melhorar isso, um pouco. [...] **Eu comecei a observar detalhes, comecei também a observar detalhes em mim.** [...] Por exemplo, eu falava de forma educada com as pessoas. Pra mim, tipo “ah, é suficiente”, só que assim, eu to lidando com pessoa, tem um tratamento, é um colega, eu poderia fazer mais, isso eu notei e comecei a me esforçar para fazer mais. [...] **Pensei assim, é melhor [...] do mesmo jeito que um**

relatório pode ser melhor [...] eu me sinto mais à vontade, me sinto mais espontânea [no relatório e ao telefone].

Em seu relato, Tallita aponta como ela passa a explorar o caráter ideológico de seu fazer profissional, para além do utilitário, uma vez que se torna mais sensível culturalmente: ela não mais se contenta em atender à necessidade do seu cliente enquanto obrigação estrita do seu cargo. Agora, interessa-se em cumprir uma função social mais ampla, e mais especificamente, mais apreciável, também: sua fala passa a ser não apenas educada, mas também gentil. O belo passa aqui a ser expresso não só como finalidade estética em suas crônicas para o curso, mas também enquanto manifestação de uma prática mais cortês e atenta às necessidades do outro. É uma expressão do belo enquanto gentileza, e também do belo no cotidiano. Embora a tarefa original fosse identificar esses elementos para a composição de crônicas, à certa altura do curso Tallita passa, ela mesma, a proporcionar experiências assim para outras pessoas.

Tal percepção mais detida do outro se revela também na crônica de Milena, quando ela narra seu retorno da universidade para casa, durante a noite:

Conversando com [um conhecido no ônibus], ainda com o caderno em mãos, comecei a observá-lo de verdade após anos. Sei que morávamos na mesma rua, mas não sei seu nome. [...] Começo a pensar na possibilidade de o medo ou a tensão estarem estampados na minha testa. Continuo a observá-lo. Vem do trabalho. Parece cansado. Disse que está fora de casa desde as 6h da manhã. Eu também. Não é mais meu vizinho de rua. Está casado e agora mora em frente ao Shopping Prêmio. Trabalha como eletricista no bairro Santa Maria, por isso acorda antes das 6h.

Paro de fazer tantas perguntas e ele me substitui. [...] **Pelo que lembro, nunca conversamos, nada mais que cumprimentos casuais. Não conheço quase nada sobre sua vida. Em uma viagem de ônibus descobro o que não tive interesse em 14 anos - tempo que moro nessa rua. Não sabia nada que não pudesse ver.**

Algo me chama atenção e me faz rir. Ele me pergunta se ainda vou a shows; faço que sim com a cabeça. Diz que a última vez que me viu em um show foi no coverama. Nunca fui ao coverama, mas não disse, apenas sorri.

[...] Pego meu telefone para avisar ao meu pai que estou chegando e ele me manda guardar, diz que é perigoso. [...] O meu vizinho se mostra mais atencioso ao perguntar se quero que me deixe em casa. Respondo que não. Não moramos mais tão perto assim. **Não gosto de incomodar e**

percebo um ar de quem oferece, mas espera um não como resposta. Agradeço. [...]

Desço do ônibus, na esperança de que por um milagre meu pai adivinhasse que eu estava chegando e tivesse ido me buscar.

Essa percepção mais aguçada daquilo que se passa com seu interlocutor e de finalmente descobrir quem ele é, bem como o reconhecimento das necessidades e expectativas nesse processo, favorecem um maior empoderamento e uma maior sensibilidade por parte de Milena em sua interação. Luísa demonstra tal competência, primeiramente, num âmbito pessoal na sua produção:

Todo esse processo de escrita tem sido bom pra mim, porque eu tenho perdido um pouco desse medo, insegurança, entendeu? De mesmo mostrar ou escrever sobre mim, é algo que estou externando, entendeu? Então eu fico mais aliviada. Eu tenho visto que eu tenho tirado toda a tensão das costas, porque eu sou uma pessoa muito fechada, então eu tô achando legal, a experiência nova [...] é trabalhoso, querendo ou não, mas depois eu me senti aliviada. Você olha pro papel, você vê se era aquilo mesmo, você [diz] “poxa, tinha isso tudo aí...” eu acho que depois que você passa pro papel, que você vai ler, você olha de um modo mais frio, tá ligado? Você vai avaliar... o porquê... sei lá, pode pensar em soluções... (ENTREVISTA, 11/03/2016)

Essa experiência se materializa diante de nossos olhos em uma crônica na qual a própria Luísa trata do dia-a-dia atribulado e das expectativas sobre uma personagem não nomeada, mas que como sua fala acima e seu contexto familiar já nos indicam, é a própria Luísa, tal como a aluna veio a confirmar:

Pressa. Querem que ela tenha pressa. Acorde mais cedo, coma mais rápido, arrume-se ligeiro, saia voando. Querem que ela desperte. Durma menos, descanse o mínimo, não ouse cochilar. Não viaje: de avião, de carro, de olho aberto ou na maionese. Não queira sonhar. Saia, só se for com mais pano, não vá revelar. Seja padrão, com os pés no chão, não tenha tempo de pensar. Sobre a vida, corrida, torpecida, que só faz julgar. Não vê o belo... daquilo que os outros acreditam que é o errado, por não querer, ou até mesmo não saber, pensar. Por si só, sem nenhum nó, que faça a mente embolar. Esquecem que o importante é ter tempo de apreciar. As coisas simples da vida, que querem tanto que ela aprenda a ignorar. (LUÍSA, CRÔNICA, 08/02/2017)

Ao escrever sobre sua rotina, Luísa reposiciona a própria identidade e práticas em face das exigências sofridas dentro de casa as quais percebe como opressoras, usando sua performatividade artística para tal. A prática escrita possibilita que ela faça constatações da própria identidade ao colocar o que sente e pensa no papel, e assim a ressignifique, exercitando sua performatividade através de um viés que não exige que ela fale de si, mas possibilita um cenário distinto para isso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática performativa da escrita artística dessas três alunas se iniciou de forma acolhedora na sala de aula: no ambiente do curso de extensão, todos estão reunidos por um propósito em comum, que é gosto pela prática escrita criativa; a própria adesão ao curso, afinal, é totalmente voluntária. Ainda que seus desempenhos variem bastante entre si e embora todos sejam convidados a participar através de produções semanais, o compartilhamento desses textos é opcional e, muitas vezes, anônimo. Todos esses elementos possibilitam a configuração de uma zona de razoável segurança discursiva para a investigação dessas práticas e a expressão delas por meio da escrita.

Ao exercitar a prática escrita em sala e ao olhar o mundo com os olhos de quem quer narrar o que vê de forma bela, essas alunas vão assumindo uma percepção mais sensível e empoderada de gêneros textuais diversos, bem como de outros cenários, de outras pessoas e também de si mesmas: elas começam a perceber quem podem ser e redescobrem o que podem fazer tanto enquanto estudantes, como enquanto escritoras e profissionais.

Dessa maneira, fica evidente o quanto a prática do olhar artístico pode produzir novas óticas sobre aspectos reificados da sociedade, os quais terminam finalmente sendo revelados na escrita criativa. Essas práticas dialogam em grande medida com as narrativizações dos estudos de caráter etnográfico no tocante à visão de “estranhar o

familiar”, ainda que o compromisso da pesquisa etnográfica deva guardar fidelidade aos dados gerados, enquanto a escrita criativa e ficcional nos apresenta essa relação com a realidade de forma sensível também, sim, mas enfocando no realce do próprios conceitos dos eventos sociais.

6. REFERÊNCIAS

GADIOLI, Igor. **A escrita, a busca e o belo**. Jornal Contexto UFS, Maio de 2016 (no prelo)

SCHOPENHAUER, Arthur. **A metafísica do belo**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PENNYCOOK, Alastair. **Performativity and Language Studies**, Critical Inquiry in Language Studies: An International Journal. 1(1), 1-19, 2004.

STEELE, Alexander (org.). **Gotham Writers' Workshop: writing fiction**. Gotham Writers' Workshop: New York, Berlin, London, 2003.

VAN MAANEN, John. **Tales of the field: on writing ethnography**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

ANEXO

PERGUNTAS DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1) Qual papel e importância você atribui à prática de se escrever a respeito de eventos/reflexões de sua rotina?
- 2) Esse seu tipo de escrita tem aspirações criativas e/ou artísticas, ou é produzido sem atenção para sua natureza estética?
- 3) Como é que o processo de escrita criativa/ficcional/de aspirações artísticas influencia a maneira como vocês relembra, percebe, interpreta e narra eventos e/ou reflexões de sua rotina?
- 4) Você escreve apenas para si? Por quê?
- 4) Você compartilha aquilo que escreve? Como, com quem e por quê?
- 5) Em que momento escrever apenas para si deixa de ser a escolha em favor de se escrever para mostrar a outras pessoas?
- 6) Qual é a importância em termos de conteúdo, forma e mais o que lhe parecer importante, de se ter feedback de outras pessoas sobre a qualidade de uma produção escrita criativa sua?
- 7) Qual é a sua restrição, se alguma, ao decidir revelar ou não uma produção escrita criativa para alguém? E para um público mais amplo, na internet, por exemplo?
- 8) Qual é a influência - se alguma - de nosso curso de escrita criativa na sua produção? Responda em termos de performance, relação com o processo de escrita e relação com os eventos que motivaram esses textos e/ou relação com seus próprios textos.